

2^a PARTE

Poesias

SONETO

Sânzio de Azevedo

Ode (em forma de soneto) ao Poeta
Artur Eduardo Benevides

*Mesmo nascido para as longas viagens,
não foste marinheiro. Todavia,
teu sonho de viajar não foi frustrado:
não te perdeste em vãs infantarias.*

*Bem maiores que os périplos sonhados,
e os que lograste realizar na vida,
são os caminhos de signos e metáforas
que percorres nas asas da poesia...*

*Operário do sono, é teu destino
recriar o mundo e decifrar esfinges,
cantar a morte, o amor, a terra e o mar.*

*E é tão sagrado o rito que professas,
que enquanto houver quem preze a arte do verso,
o fulgor do teu canto há de ficar.*

CANTO DOS VINTE ANOS DO GRUPO SIN

Linhares Filho

*Chega a hora de erguermos nossa taça
em louvor de um ser cândido: a Poesia,
a Dama que há vinte anos nos enlaça
e a quem nos consagramos com porfia.
Faz vinte anos, e foi na **Alma Mater**.*

Reunidos em cenáculo, baixou
sobre nós, imprimindo o seu caráter
confirmatório, a Luz de um rubro vôo.
(Ah! das nossas dialéticas de então
ficam essências de entre o sim e o não).
Recebemos os dons do Paraclito
da Poesia, que nesse instante veio
dar-nos do Verbo o lúcido projeto,
para irmos a cantar em devaneio,
mas sendo para o homem um esteio.
Várias missões tivemos, e uma só
nos une, a todos, com seguro nó
e ora num só abraço nos estreita.
Foram surgindo em luzes, sons e cores —,
clamor contra opressões, das dores ópios,
fluido que anima, vinho que deleita —,
os **Contracantos** como os **Doramores**,
Os **Planisférios** como os **Praxiscópios**,
Tempos de Chuva e Tempos de Colheita.
Da palavra um de nós vai à raiz
para tecer consciente a sua lavra.
Um outro conta histórias infantis
e a palavra empregou sobre a Palavra.
Algun de nós colheu frutos da noite,
tem visões e traduz do vento o açoite.
Um outro, por amar a liberdade,
foi preso e governou uma cidade.
Algun de nós cantou uma paixão lusa
e traz social teoria em si infusa.
Um outro deu lições espaciais
e escreveu suas memórias corporais.

Em cátedras, congressos, assembléias,
jornais e academias as idéias
se ouviram de um de nós nesses vinte anos.
E do sonho regeram-nos arcanos.
Muito empeço ocorreu e muitas lutas
em mar revoltado ou matas sempre hirsutas.
O amor ora feriu, ora alegrou.
Alguns entes queridos nos deixaram;

*de nós, outros nasceram, nos amaram.
Da pena sempre um verso nos voou.
Deixamos o poema em mil lugares
qual flor despetalada pelos ares.
Fossem os dias claros ou escuros,
escrevemo-lo em árvores e muros,
em livros, praças, lápides, cartazes,
em coisas duradouras e falazes.
Nos trens da infância e embarcações incautas,
em coretos, em praias bem desertas,
cartões postais, sapatos de astronautas,
no boné de pilotos, nas cobertas
dos circos e nos módulos do espaço.
Espalhamos por tudo nosso traço.
Exprimindo tristezas ou prazeres,
demos versos aos mais variados seres,
desde a folha caída, a voar do chão,
ao mais ansioso e oprimido coração.*

*Tratamos com fervor nossas Amadas,
que com versos se viram afagadas.
No meio delas, conta-se a Poesia,
a quem somos fiéis pela estesia.
Canções lhe demos, odes e baladas.
Defendemos o povo e a Deus louvamos.
A vida e a morte pródigos cantamos.
O mistério da noite e o do pigarro,
fumos das casas, cinzas do cigarro,
o fascínio do mar e o amor à terra,
o banco do jardim e a paz da serra,
águas do Parnaíba e do Salgado,
estrelas sob a ordem de um cajado,
palor de lua, sol que o ser apura
e a chuva amenizando a vida dura.
Nossa expressão polindo mais e mais,
no verso ousamos formas especiais.
É hora de bendizermos o consolo
do belo Canto e a neófitos propô-lo,
agradecidos sempre à nossa Dama,
que com o sagrado fogo nos inflama.*

É outono em nossas árvores.
Em nossas armas.
Em nossas almas.
Seguiremos, porém, com todo o entono.
Velhos não somos,
somos maduros
como os frutos que surgem pelo outono.
É tempo ainda de provar dos pomos
róseos e arquitetar planos futuros.
Arrumemos com ardor nossas bagagens
e emitamos com fé nossas mensagens.
Contemos admirar novas paisagens,
desfrutar do calor das estiaagens
e no mar exercer as marinhagens.
Animem-nos os vinhos bons da vida
com o seu leve sabor de despedida.
Num País a sofrer louca inflação
e num mundo ameaçado pela bomba,
inle-se vela branca à embarcação,
e solte-se da paz a doce pomba.
Instante grave para o mundo em pânico.
Por abusos a síndrome em satânico
galopar. E dragões de crina acesa
a perseguir os povos com fereza.
Só nos resta cantar, cantar, cantar,
e balões de esperança erguer ao ar.
Cavaleiros da Tavola Redonda
tornados em marujos da Poesia,
prossigamos viagem de onda em onda.
Apesar do tufão da travessia,
com vinhos e canções comemoemos
o prêmio desta hora e as mãos nos demos.
A luta contra as trevas continua.
Nosso barco aprontemos sem detença
e prossigamos com alma clara e nua,
a reafirmar ao mundo nossa crença!